

Fracassa no DF o Ciclo Básico de Alfabetização

Renan Antunes de Oliveira

Fracassou a experiência brasileira do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), a nova pedagogia implantada em 86, nas 450 escolas da rede pública de ensino da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), para os alunos das três primeiras séries do 1º grau.

No primeiro ano de desenvolvimento da experiência os técnicos da Direção de Ensino Regular (DER) da FEDF constataram que a evasão na 1ª série aumentou de 4,5% (em 85) para 7,3% (86) — conforme dados estatísticos levantados pela Coordenação de Planejamento (Coplan), da Fundação.

Pior ainda: uma amostragem em 82 escolas (64 da zona urbana e 18 da rural) revelou que o CBA só foi implantado em 28% da rede (no primeiro ano) e que chegou, até agora, a 39% das escolas.

Estas conclusões estão no

primeiro relatório de avaliação do CBA, produzido pela DER, órgão da Direção Geral de Pedagogia da Fundação, e distribuído durante a última semana para cerca de 600 professores no primeiro seminário de avaliação do sistema.

Relatório

Longos trechos do relatório com conclusões negativas foram omitidos pela Fundação na divulgação feita. A amostragem nas 82 escolas apontou como causa do fracasso «a falta de divulgação do novo método entre professores, pais e alunos, aliada à falta de recursos para a aplicação prática da nova filosofia». Diz o documento que «há enorme carência em relação aos problemas básicos de ordem técnica e operacional do CBA. Há falta de professores alfabetizadores com jornada de 40 horas e até falta de sala de aula para turnos de recuperação».

Os técnicos que elaboraram o documento afirmam que o «o

fracasso é relativo, pois não se poderia esperar que as coisas melhorassem de uma só vez e no primeiro ano (86). Mas está muito atrasado».

Para que as coisas melhorem o DER recomendou (durante o seminário, realizado na UPES) «uma avaliação contínua, permanente e abrangente do sistema educacional, além de treinamento constante dos professores».

Números do relatório

Dos 46 mil 723 alunos matriculados na primeira série do 1º grau em 86 (os dados de 87 ainda não foram coletados) a evasão (número dos que não completaram o ano letivo) foi de 3 mil 411, igual a 7,3%.

Como o sistema é aquele que não prevê a reprovação, não se sabe qual o percentual das crianças que teriam sido reprovadas, se ainda fosse o sistema tradicional.

Maioria dos alunos abandona escola

Segundo a professora Maria Inês Torcani, da Coplan, dos 233 mil 502 estudantes do 1º grau, em 86, 19 mil 773 abandonaram a escola antes do final do ano letivo. E 51 mil 962 foram reprovados (cerca de 22,3). Os dados estatísticos de 87 (segundo ano da experiência do CBA) ainda não foram tabulados, mas ela garante que são os mesmos. Houve uma variação «insignificante e igual aos padrões nacionais», explicou.

Segundo uma professora da DER «a evasão continua a mesma, o que indica que sendo mantidas as mesmas condições estruturais, não houve melhora no relacionamento escola-aluno, o que o seguraria. A repetência nas demais séries é sinal, ainda, de que as coisas mudaram mas os resultados continuam como antes».

Modelo

A FEDF apresenta o sistema escolar para jornalistas e autoridades de outros estados ou países, usando a escola modelo da 308 Sul. Lá os pais pagam pequenas taxas (é para crianças de uma zona nobre dentro do Plano Piloto) e a escola fica no mesmo nível das melhores particulares.

Mas a realidade do sistema é outra. 71% das crianças são de «famílias de baixa renda». Nas escolas das cidades-satélites, principalmente na Ceilândia Norte, na número 10, há 786 estudantes e faltam cadeiras para todos. Os problemas vão desde a superlotação até a violência entre os estudantes.

Segundo a diretora de uma escola da Ceilândia a nova filosofia do CBA chegou: «Passaram por aqui dizendo que a partir de 86 os estudantes das três primeiras séries não rodariam mais. Foi uma palestra e nem me lembro o nome de quem falou. Depois veio a «mudança» do critério de avaliação dos alunos — mas nenhuma melhora».

Ela continua: «A gente que fica todo o dia com os alunos sabe que tudo continua como antes. Muitos vêm de casa sem caderno, só para comer a merenda escolar; não temos material para estimular a criatividade deles; os professores ganham mal, não têm estímulo. Pior não poderia ser».

País

«Mando meu filho para a escola (em Taguatinga) e ele volta todo rasgado, com as roupas sujas. Pergunto o que é que ele aprendeu e diz que não sabe direito. Tem 9

anos e não sabe a tabuada» — disse Wilson Paz, electricista. «Minha filha entrou na terceira série este ano e não sabe a tabuada» reclamou Aparecida Barentin, de Taguatinga, dona-de-casa.

As crianças a maioria cursando até a 3ª série, não parecem mesmo saber a tabuada. E é inútil perguntar para elas qual o resultado da mudança pedagógica — afinal, se entraram na 1ª, não conheceram a escola de antes. E se alguém perguntar alguma coisa todas dirão que preferem a hora do recreio.

Aluno manda

O CBA é uma experiência já implantada em São Paulo e Minas Gerais. Consiste num novo enfoque, no qual o aluno é «o sujeito da relação», como define a professora Elena Queiroz de Oliveira, da DER, órgão que traça a orientação pedagógica nas escolas da FEDF. Trocando em miúdos quer dizer que o aluno manda na escola.

«O CBA repensa o ensino», explica Elena Oliveira. «Até então o professor sabia bem o seu programa (método) e procurava ensinar tudo direito para o aluno, tipo «se eu sei ele também pode aprender».

A diferença para o método de hoje, explica Elena, «é que o CBA é uma estratégia política de renovação da prática de educação na alfabetização. Nos três anos o aluno será respeitado nos seus prazos de aprendizado e mutação. Não será forçado a saber tudo nem penalizado com re-

provação. Se chegar na escola falando errado, como costuma acontecer, ficará assim até entender que há duas linguagens e qual é aquela que a sociedade espera que ele use».

Tempo integral

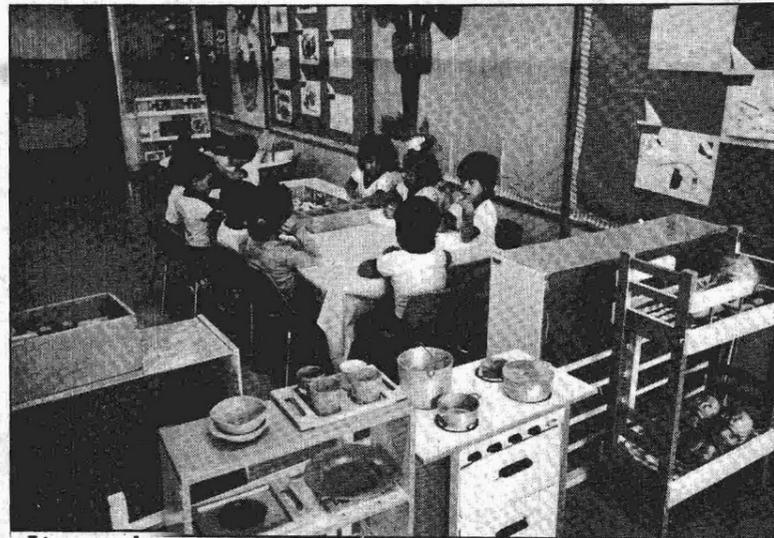
O segredo para os professores aprenderem a ensinar na nova fórmula, é entender como é que a criança aprende, e esquecer um pouco como é que ele aprendeu e como é que foi treinado para ensinar.

Este parágrafo parece mais não é complicado; Segundo a diretoria geral de Pedagogia, as sete escolas de normalistas da FEDF estão adotando curso em tempo integral, visando qualificar melhos os profissionais. A primeira turma só se formará em 89.

Trabalham na DER as professoras Bernadete Castro Sales e Ana Maria Fagundes, com Elena. Foi numa sala do 1º andar da Fundação, na Asa Norte, que as três produziram o relatório divulgado no encontro. Elas estão preocupadas em como transmitir estas experiências à categoria.

«Não é fácil de aprender. O CBA nasceu na teoria crítico-social dos conteúdos, desenvolvida pelos pesquisadores franceses Burdeu e Passeron. No Brasil são expoentes desta linha os educadores Guiomar de Melo (no Rio) e José Libânio (em Goiás). Minas, São Paulo e Brasília são os três estados que estão desenvolvendo estas teorias e repensando a prática pedagógica, destacam.

José Paulo



Já a escola modelo da 308 Sul é exemplo de alto nível de ensino